

# Indicador de Confiança do Consumidor

Fevereiro 2017

*Sistema CNDL*

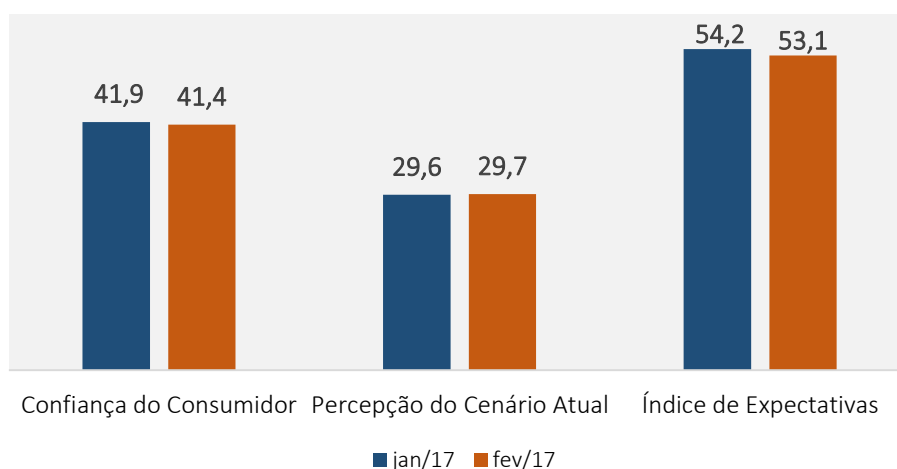


## Na visão dos consumidores, corrupção e incompetência dos governantes prejudicam o cenário econômico

Em fevereiro de 2017, o Indicador de Confiança do Consumidor marcou 41,4 pontos. Pela metodologia, quando abaixo dos 50 pontos, o Indicador mostra que o pessimismo predomina entre os consumidores; quando acima dos 50, mostra que o otimismo predomina. O Indicador é calculado em quatro dimensões: tanto para a economia quanto para a própria vida financeira, os entrevistados avaliam o momento atual e também dizem o que esperam para os próximos seis meses. Abaixo do nível neutro, o resultado de fevereiro revela que, levando-se em conta as quatro dimensões, o consumidor mostra-se ainda pessimista.

O último dado ficou muito próximo daquele observado em janeiro, quando o indicador marcara 41,9 pontos. Com efeito, de janeiro para fevereiro, pouco mudou no cenário político e econômico. A economia segue dando sinais tímidos de recuperação, mas as incertezas ainda persistem. De sua parte, o consumidor continua vendo as estatísticas de desemprego subirem, o que coloca sua confiança em xeque, abaixo do nível minimamente satisfatório. Como no mês anterior, porém, apesar de avaliarem o momento atual como ruim, os entrevistados mantêm alguma esperança a respeito do futuro próximo, fato que se reflete na comparação entre o componente das Expectativas e o componente da Percepção do Cenário Atual.

Indicador de Confiança do Consumidor



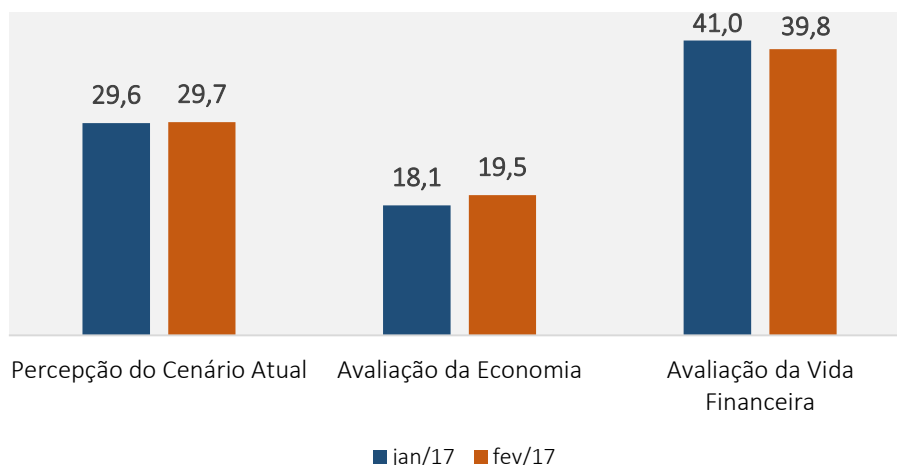
### Indicador de Percepção do Cenário Atual

**82% percebem as condições econômicas atuais como ruins; percentual cai para 42% quando se trata da própria vida financeira. Corrupção e crise são as principais justificativas**

O Indicador de Percepção do Cenário Atual registrou 29,7 pontos em fevereiro de 2017. Abaixo do nível neutro, o dado mostra que os consumidores avaliam muito mal o momento presente. É preciso destacar, porém, que há grande diferença entre avaliação que os consumidores fazem da economia e da própria vida financeira. Na avaliação do desempenho da economia, o indicador atingiu 19,5 pontos; já na avaliação da vida financeira, atingiu mais do que o dobro (39,8 pontos). Em suma, o momento atual é ruim para a economia e isso afeta a vida financeira

dos consumidores. Porém, a percepção de deterioração da economia é mais acentuada do que na vida pessoal.

Indicador de Percepção do Cenário Atual



Em termos percentuais, 82,3% enxergam que as **condições econômicas** são ruins ou muito ruins, ante apenas 2,6% que as consideram boas ou muito boas. Para 14,5%, o quadro econômico atual é regular. Entre os que fazem uma **avaliação negativa** do estado da economia brasileira, quase a metade (48,9%) identifica na corrupção e no mal-uso do dinheiro público a causa do problema. Há também 42,5% que apontam os sintomas da crise: 27,5% dizem que o desemprego está alto e 15,0% dizem que os preços em geral subiram. O destaque dado à corrupção pode ser explicado pelas apurações recentes de desvios de recursos públicos.

#### POR QUE AVALIA MAL A ECONOMIA

Corrupção, mal uso dos recursos públicos	48,9%
O desemprego está alto	27,5%
Os preços de produtos e serviços em geral aumentaram	15,0%
As taxas de juros estão altas	3,0%
Outros	5,6%

Quanto à **própria vida financeira** no momento atual, 42,0% dos entrevistados fazem uma **avaliação negativa**, considerando-a ruim ou muito ruim. Os que a consideram regular somaram 41,4%, enquanto 15,1% a consideram boa ou muito boa. Entre os que avaliam mal a vida financeira, 33,3% dizem estar com dificuldades para pagar suas contas e com o orçamento apertado. Há também 30,7% que atribuem a má situação ao desemprego. A situação de inadimplência foi apontada por 15,5%, enquanto a queda da renda familiar foi apontada por 12,5%.

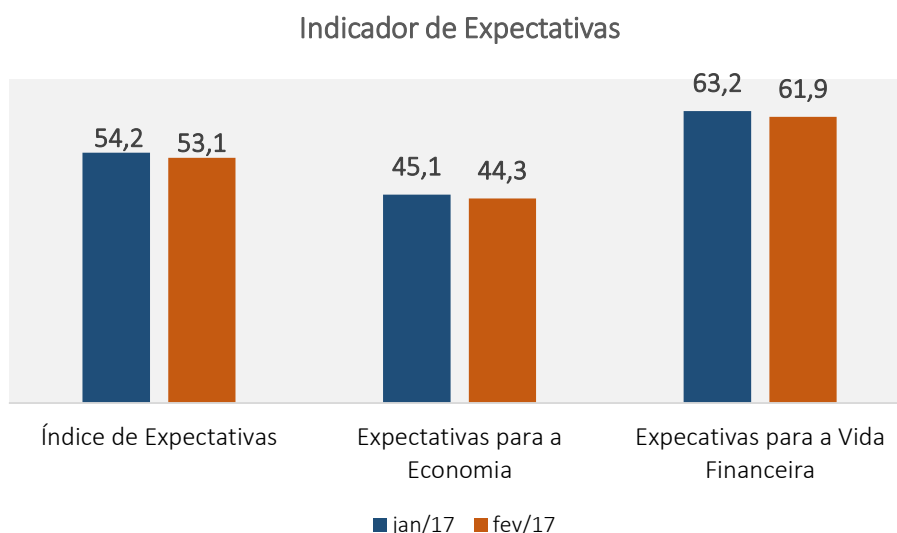
## POR QUE AVALIA MAL A SUA VIDA FINANCEIRA

Estou com dificuldades de pagar as contas, orçamento apertado	33,3%
Estou desempregado	30,7%
Estou com pagamento de dívidas em atraso	15,5%
A renda familiar diminuiu e tive que reduzir o consumo	12,5%
Outros	8,0%

## Indicador de Expectativas

Mesmo diante da crise, otimismo com a própria vida financeira é motivado principalmente pela perspectiva de conseguir um novo emprego ou promoção

O Indicador de Expectativa registrou **53,1 pontos** em fevereiro. Esse componente ficou acima do nível neutro indicando um leve otimismo, puxado pelas perspectivas que os consumidores têm sobre a própria vida financeira. Nesse quesito, as expectativas alcançaram 61,9 pontos, razoavelmente acima dos 50 pontos. No quesito da economia, porém, os consumidores mostraram-se mais cautelosos e as expectativas marcaram 44,3 pontos. O quadro é de maior otimismo quando se trata do futuro, na comparação com o presente, e de maior otimismo quando se trata da condição pessoal, na comparação com a economia.



A maioria relativa (38,9%) diz não estar nem pessimista nem otimista com o **futuro da economia**. Já os pessimistas somam 36,9% e os otimistas, 21,1%. Para justificar o pessimismo com os próximos seis meses da economia, mais uma vez a questão da desconfiança com a representação política aparece. 49,5% desses entrevistados citam a corrupção, a incompetência dos governantes e a falta de punição dos políticos como a principal razão de seu desalento. Para 24,7%, o aumento do desemprego é o que explica seu **pessimismo** e para 8,5%,

a percepção de que a inflação continuará subindo. Há ainda 6,8% que acreditam que novos fatos na política poderão afetar a economia.

#### POR QUE ESTÁ PESSIMISTA COM O FUTURO DA ECONOMIA

Corrupção e incompetência dos governantes e falta de punição dos políticos	49,5%
Porque o desemprego segue aumentando	24,7%
A inflação não será controlada e os preços continuarão subindo	8,5%
Novos fatos na política podem trazer desequilíbrio econômico	6,8%
Outros	10,5%

Já entre os **otimistas** com a economia, a maior parte (40,2%) não sabe dizer as razões de seu otimismo: apenas diz acreditar que coisas boas irão acontecer. Em seguida, 20,7% acreditam que o pior momento da crise passou e 11,2% dizem concordar com as medidas econômicas que vêm sendo adotadas. Há ainda 8,9% que consideram que o desemprego começa a diminuir.

#### POR QUE ESTÁ OTIMISTA COM O FUTURO DA ECONOMIA

Não sei porque, mas estou otimista, sinto que boas coisas irão acontecer	40,2%
O pior momento da crise política passou	20,7%
Concordo com as medidas econômicas que vêm sendo adotadas	11,2%
O desemprego começa a diminuir	8,9%
Os preços pararam de subir	6,5%
Outros	12,5%

Quando se trata das **expectativas com a vida financeira**, 56,1%, a maioria absoluta, diz estar otimista. Praticamente um quarto (26,0%) diz não estar nem otimista nem pessimista. 14,5% têm expectativas ruins ou muito ruins. Mesmo com o desemprego ainda em alta, a maior parte (30,7%) dos **otimistas** com a própria situação financeira acreditam que podem conseguir um novo emprego ou uma promoção. Há também 28,7% que não sabem explicar as razões de seu otimismo, 11,6% que apostam na melhora da economia e 10,5% que dizem estar fazendo uma boa gestão das suas finanças.

## RAZÕES DO OTIMISMO COM VIDA FINANCEIRA

Acredito que conseguirei um novo emprego ou promoção	30,7%
Não sei por que, mas tenho o sentimento de que as coisas vão melhorar	28,7%
Porque a economia vai melhorar	11,6%
Tenho feito uma boa gestão das minhas finanças	10,5%
Fui pouco ou nada afetado pela crise	6,9%
Estou investindo na profissão	6,5%
Outros	5,1%

Entre os que estão **pessimistas** com a vida financeira, as razões mencionadas foram: percepção de que a crise econômica pode continuar (26,7%); o fato de a vida financeira estar ruim (19,8%); a percepção de que os preços continuaram crescendo (19,0%); o medo do desemprego (11,2%); e a falta de perspectiva de conseguir um emprego (10,3%).

## RAZÕES DO PESSIMISMO COM VIDA FINANCEIRA

A crise econômica ainda pode continuar	26,7%
Minha situação financeira está ruim	19,8%
O preço das coisas continua aumentando	19,0%
Medo do desemprego	11,2%
Estou desempregado e não tenho expectativas de conseguir um novo emprego	10,3%
A crise econômica ainda pode continuar	26,7%
Outros	12,9%

## Conjuntura Econômica

**Custo de vida elevado é o que mais tem pesado na vida financeira de 53% dos brasileiros; 47% têm ao menos um desempregado em casa**

Apesar do recuo da inflação nos últimos meses, para 53,5% dos entrevistados, o custo de vida é o que mais tem pesado na sua vida financeira familiar. O dado reflete a dificuldade de se manter o mesmo padrão de vida num cenário de crise. 21,3% dos entrevistados mencionam o desemprego, que avançou muito rapidamente nos últimos dois anos. O endividamento, ou seja, o alto volume de contas a pagar foi citado por 10,6%. Em seguida, aparece a queda da renda, mencionada 9,6%. Apenas 3,6% podem dizer que nada tem pesado sobre no orçamento das famílias.

Se o custo de vida incomoda, é nos supermercados que os consumidores mais percebem o aumento dos preços. Perguntados sobre a percepção do valor dos produtos e serviços na comparação ao mês de janeiro, a pesquisa mostra que 64,5% tiveram essa percepção, assim como na energia elétrica (58,3%). Nas tarifas de telefone, preço de roupas e de itens de bares e restaurante, essa percepção foi menos acentuada. Esses últimos produtos e serviços, por não serem de primeira necessidade, têm de fato uma margem menor para promover aumentos de preços. Em linha com a percepção dos entrevistados, dados de IBGE mostram que, enquanto o índice geral de preços fechou o ano de 2016 com variação de 6,29%, o índice de preços de vestuário registrou alta de 3,55% no mesmo período. Vale destacar, ainda, a quantidade de respondentes que indicam não saber avaliar a trajetória dos preços para esses itens é maior, indicado um consumo menor.

Percepção dos preços	Aumentaram	Permaneceram iguais	Diminuíram	Não sei
Supermercado	64,5%	23,0%	10,6%	1,9%
Conta de Luz	58,3%	29,1%	9,0%	3,6%
Telefonia	37,8%	47,1%	8,4%	6,8%
Roupas e Calçados	33,0%	33,6%	22,1%	11,3%
Bares e Restaurantes	26,8%	24,9%	26,5%	21,9%

Sobre a realidade do desemprego, 47,0% afirmam haver alguém desempregado em casa, sendo que 20,6% tem dois ou mais desempregados em casa. 52,4% que afirmam que não. Dados do IBGE revelam que, nos últimos dois anos, a taxa de desemprego avançou 5,3 pontos percentuais, alcançando 11,8% no terceiro trimestre de 2016. Esse é um dos efeitos sociais mais sensíveis da crise econômica, que impacta na confiança dos consumidores e, portanto, o consumo. Entre os respondentes da pesquisa, 57,9% disseram exercer alguma atividade remunerada. O restante divide-se entre os que não têm interesse ou não estão procurando emprego no momento (26,3%); os que estão fazendo trabalhos esporádicos como forma de ganhar dinheiro (9,8%); e os que já se cansaram de procurar e aguardam o surgimento de uma vaga (3,6%).

# Metodologia

Para o cálculo do Indicador de Confiança, aplica-se, sobre uma amostra de 801 casos, um questionário com quatro questões principais. Por essas questões, mede-se: 1) a avaliação dos consumidores sobre o momento atual da economia; 2) a avaliação sobre a própria vida financeira; 3) a percepção sobre o futuro da economia e 4) a percepção sobre o futuro da própria vida financeira.

Cada uma das quatro questões tem opções de respostas que vão da mais otimista à mais pessimista, no caso das projeções, e da mais positiva à mais negativa, no caso das avaliações. Entre os extremos, há a resposta neutra, que não denota nem otimismo nem pessimismo. A marca de 50 pontos foi escolhida para representar a situação limite em que todos os entrevistados estão neutros na avaliação de todos os quesitos. Quanto maior a proporção de entrevistados otimistas, maior tende a ser o valor do indicador. Analogamente, quanto maior a proporção de entrevistados pessimistas, menor o valor do indicador. Acima do nível neutro, o indicador mostra os consumidores confiantes; abaixo dessa marca, mostra consumidores sem confiança.

Além das questões base do indicador, procura-se compreender as razões que levam os entrevistados ao otimismo ou ao pessimismo. Um bloco de questões também avalia a conjuntura do ponto de vista emprego e da inflação. A pesquisa abrangeu 12 capitais das cinco regiões brasileira, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Goiânia, Manaus e Belém. Juntas, essas cidades somam aproximadamente 80% da população residente nas capitais. A amostra, de 801 casos, foi composta por pessoas com idade superior ou igual a 18 anos, de ambos os sexos e de todas as classes sociais. Os dados foram coletados via web e presencialmente entre os dias 01 e 14 de fevereiro.

